ANTHERO DO QUENTAL

A DIGNIDADE DAS LETRAS

E

AS LITTERATURAS OFFICIAES

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua dos Calafates, 110
1865

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Digitized by Google

I

Devo estas explicações ao publico, e a mim mesmo sobre tudo.

Sim: sobre tudo a mim, á minha propria dignidade moral. Na hora em que eu não pudesse confessar sem receio ou vergonha, a esse severo juiz que todos temos dentro, os motivos de uma opinião, d'uma phrase, d'uma palavra sequer, proferida n'uma occasião grave; na hora em que me visse obrigado a occultar á consciencia, que julga e sentenceia, um só acto da intelligencia, que pensa e determina — fosse embora aquella phrase brilhante e applaudida, fosse aquella determinação atrevida e admirada — eu é que não poderia n'essa hora sentir nos labios as doçuras do triumpho, mas só no coração todas as amarguras d'uma consciencia perturbada, o fel da baixeza e da injustiça propria.

O publico, esse, tem direito a perguntar-me por que me levanto contra as imagens gloriosas ante que elle se enclina; por que não admiro o que elle ama; por que não respeito o que elle adora; porque me atrevo contra o voto das gentes e a opinião commum.

Extranho desacato, com effeito! Na pessoa de um dos seus escolhidos, offendi eu toda a opinião, o juizo, o gosto, o sentir de quantos o tinham levantado sobre

os braços e sentado na cadeira curul da auctoridade e da gloria. Reputaram-lhe merecimentos dignos de admiração e de respeito. Eu, revoltando-me, é como se dissesse ao respeito e admiração publica: « sois cegos e insensatos: enganaes-vos: o que a todos vos enleva e faz pasmar não é grande gigante, é só nuvem e fumo mentiroso...»

Isto é grave. É preciso firmar-se quem disser isto em boas e solidas rasões, porque se não contradiz tanta gente só pelo gôsto de contradizer. Ao publico devemos-lhe isto; de lhe não fallar senão em nome d'alguma cousa alta, d'algum bom principio, d'alguma rasão inabalavel.

É o que a mim me acontece.

Se ao publico e á consciencia, que me interrogam pelos motivos de uma acção grave por mim praticada, eu não tivesse para responder senão paixões, caprixo, vaidades, eu seria então, para aquelle, quando muito, um iconoclasta atrevido mas sem nobreza nem rasão, e, o que é peior, para esta um espirito escurecido, sem clarão de justiça, sem luz moral...

Nada d'isto acontece, porém. Interrogo-me na austera serenidade do meu tribunal interior e acho-me limpo e innocente. Não sacrifiquei ao orgulho, ao interesse, ao egoismo da mais pequenina das vaidades — a vaidade litteraria. Nada d'isso. Fallei verdade: e esta só palavra explica o silencio, ou os desconcertos, peiores ainda que o silencio, d'aquelles a quem me dirigí; e, por outro lado, explica a serena constancia com que me levanto de novo para sustentar, para confirmar os sentimentos, as idéias e as palavras que esse amor da justiça e da rasão me inspirára.

A verdade tem, com effeito, isto de admiravel; que só por si, invisivel e desherdada, vale para o espirito de quem sinceramente a adoptou mais do que a adhesão dos sabios, a approvação dos prudentes, o applauso

Digitized by Google

das maiorias. Isolada e desconhecida, é ella comtudo o mais forte esteio da consciencia, porque só ella lhe offerece esta base inabalavel — a convicção.

O mais que importa? Eis ahi estão muitos dos que me animam e defendem que, applaudindo-me, foram tão injustos para commigo como os que me combatem, com as suas ignorantes apreciações. Applaudiram uns a audacia da heresia litteraria; outros a firmeza d'um golpe certeiro; aquelles folgaram com a satisfação de certos odios que eu não conheço; estes com o abatimento de certas famas; todos, emfim, com o escandalo... Mas eu só tinha buscado o triumpho da verdade.

Não, meus senhores. Eu não tomei nas mãos o pendão de nenhum corrilho ambicioso, para o fazer triumphar em combates risiveis de palavras. Eu não puz a minha alma ao serviço das vaidades egoistas de nenhum grupo. Tambem não foi um turbulento espirito demagogico que me fez sahir a campo procurando destruir alguma cousa só pelo amor da destruição. Menos, a presumpção orgulhosa de gladiador novo, cuja audacia impaciente não conhece prudencia e procura os mais robustos e aguerridos para o desafio e o combate. Menos ainda, o escandalo...

Não, meus amigos. Não vale realmente a pena commover-se a gente quasi até á vehemencia, indignar-se quasi até ao soffrimento, chamar a sua intelligencia e o seu coração, só para responder com grandes phrases a pequenos golpes de gente ainda mais ignorante do que malevola; para desacatar um dos idolos de barro da religião burgueza contemporanea; para, emfim, fazer um escandalo... em Portugal! Nada d'isso. Graças ao deus da liberdade, não pertenço por ora a nenhuma escola além da escola do pensamento e da franqueza. Essa está ou póde estar em Coimbra como em Lisboa ou em Pekin — em toda a parte aonde estiver uma

consciencia leal. Das outras não curo eu. Parecem-me refinadas em ritos complicados e doutrinas subtis de mais para esta minha rudeza inconveniente e até insocial. Não sei o caminho secreto de suas aulas. É por isso que as não defendo nem ataco: ignoro-as. [1]

Não foi isso, pois, o que eu intentei fazer *desacatando* a venerabilidade sacerdotal do sr. Castilho. Não foi defender uma escola, um grupo, uns homens. Foi *só* defender a liberdade e dignidade do pensamento, que n'esse momento se offendiam na chamada escola de Coimbra, no trabalho d'alguns homens (bom ou mau, não curei de o saber) mas trabalho livre, independente, trabalho santo pois, e digno de respeito.

Isto assim parece-me melhor e mais alto. Entendamos assim a questão. Só assim será justa, sagrada esta causa. Só assim terá infalivel o triumpho.

D'esta altura vê-se muito, e muito longe. A perspectiva é clara e franca, e raro engana. Fica-se firme e sereno como quem vê o verdadeiro aspecto das cousas. Como não houve illusão não ha logar depois a negar, a reformar, a contradizer. O que se viu viu-se por uma vez. O que se disse disse-se por uma vez. A palavra toma ao caracter a sua segurança e energia. Não retira o que uma hora affirmou. É honrada.

Ora na conta de honrada tenho eu a minha. Por isso que me levantei em nome de idéas e não de cousas, de verdades e não de homens, por isso mesmo não tenho que soffrer da incerteza dos homens e das cousas.

[1] Não posso, a proposito d'isto, deixar de fallar de um notavel desacerto. É o do sr. E. da Cunha, pessoa que eu pouco conheço, e que acaba de me dirigir uma carta pela imprensa, aonde começo por estranhar a inesperada intimidade do tratamento de *tu*, e acabo indignando-me com as idéas, as intenções e os principios que me suppõe. Não menos me espantou saber por esse escripto que pertenço a uma eschola cujas opiniões o auctor deduz e motiva com uma facilidade que me assombrou, a mim que não sabia pertencer a tal gremio nem a taes principios. Tudo isto faz rir; mas sempre é bom declarar que tudo aquillo são meras illusões d'uma boa vontade muito mal aconselhada.

Digitized by Google

Condemnei em nome de principios: esses são eternos, e áquella sentença não lhe posso nem devo nem quero mudar uma linha, uma lettra sequer.

Porque? Eis a explicação que eu devo ao publico. Porque persisto em accusar o sr. Castilho em nome d'este grande principio da liberdade do espirito? Por que lhe não aceito a auctoridade? Porque o não sigo, antes aconselho a todos que lhe evitem o exemplo? Porque o não *admiro* nem *respeito*?

Cumpre explicar tudo isto. Os motivos que tenho satisfazem-me as exigencias d'uma consciencia pouco afeita a branduras com sigo mesma. Espero que satisfarão a de muitos. No caso contrario, consolar-me-hei com esta lembrança — que mais lealmente ninguem procurou a justiça e a razão n'este pleito.

II

A dignidade do pensamento! Se desde Socrates até Camillo Desmoulins, até Proudhon e Victor Hugo no exilio, tudo que em nome d'ella se tem soffrido não passasse d'uma questão d'utilidade ou vaidade de pessoas, capricho e opinião d'homens, d'um lado como do outro, eguaes os perseguidores e os perseguidos no principio, e só differentes na varia fortuna — n'esse caso deviamos lamentar a humanidade, porque a sua maior virtude, como na blasphemia de Bruto, não passaria d'uma palavra.

Não é assim, felizmente. Esses taes tinham para lhes levantar a causa até ás alturas d'uma causa humana, d'interesse universal (tinham esses e teem todos os que preferem soffrer e combater a dobrar-se ao mando de quem só tem auctoridade do acaso, da fortuna d'uma posição official) uma cousa bem pequena ordinaria-

mente no mundo, mas no espirito — e por isso na verdade — immensa, a maior de todas: a liberdade.

E pois foi em nome d'ella que eu vim fallar, é por isso que não posso nem devo desdizer-me.

Eu não daria um passo fóra da minha porta para ir defender-me diante dos que passam, convencel-os da superioridade dos meus trabalhos, contar-lhes os meus triumphos e os meus dissabores litterarios, fallar dos meus amigos ou inimigos. Que vale isso? Mas para declarar que não ha auctoridade outra além da rasão; outro criterio mais que o sentir individual; que o pensamento e a meditação, se custam mais, por isso mesmo infinitamente mais valem que a obediencia inerte e inintelligente; que mestre não ha outro além do estudo, nem outro respeito deve haver além do culto da verdade — para declarar isto já vale a pena erguer a voz, porque se alguem nos quizer impor silencio em nome d'algum interesse ou conveniencia podemos sempre responder-lhe: «Não; este interesse vae adiante de todos porque é o interesse soberano do espirito.»

Ubi spiritus ibi libertas, diz o apostolo. São inseparaveis: como os gemeos Siamezes não é possivel cortar o laço vivo que os une sem que para logo corra o sangue e morram. Sem espirito não ha liberdade: sem liberdade não ha espirito. Ora este é a alma, a vida, a essencia das litteraturas, da poesia, da arte, de todo o trabalho do pensamento e da inspiração. Litteratura que respeita mais os homens do que a santidade do pensamento, a independencia da inspiração; que pede conselho ás auctoridades encartadas; que depende d'um aceno de cabeça dos vizires academicos; essa litteratura não é livre — *ubi libertas ibi spiritus* — não tem, logo, espirito, não é viva e poetica... não existe pois como cousa alta e ideal, isto é, não existe, porque só ideal e alta se concebe litteratura e poesia.

Bastava-me isto só para condemnar o sr. Castilho,

Digitized by Google

as suas doutrinas, o seu procedimento. Se isto é verdade, se não ha verdadeira poesia fóra d'esta alta e digna independencia, o sr. Castilho é o maior inimigo da poesia portugueza porque quer matar n'ella aquillo mesmo que é a sua essencia, a sua força, a sua vida...

Isto é um grande mal e uma grande injustiça. Protesto contra elles. E não só protesto como consciencia individual mas como consciencia collectiva; como homem e como cidadão; em nome das regalias do meu espirito e em nome do futuro do espirito nacional. Sim: fazer rachitica uma litteratura, amputal-a do que tem de mais vital, pôl-a engoiada e pêca como um fructo secco antes ainda de maduro, isto é um crime publico. Cuidaes que é só roubar aos olhos ou aos ouvidos algumas côres ou alguns sons agradaveis? privar-nos d'um divertimento, uma distracção futura? Não: é mais e muito peior. As litteraturas, boas ou más, teem feito o destino do espirito das nações. Ora tudo vem do espirito. Pervertel-o é perverter a nação, é corromper as origens do futuro, é roubar ao presente a sua energia, a sua vida. Concebe-se uma litteratura banal, baixa, commum, ridicula, no meio de uma sociedade grande, nobre, forte, formosa? Uma reagiria sobre a outra e em breve lhe teria inoculado o virus mortal da vulgaridade e da baixeza. Pelo livro, pelo theatro, pela critica, pela conversa infiltraria essa peçonha em todos os vasos do corpo social, na familia, na escola, no jornal, no parlamento, em casa, na rua, em toda a parte onde se lê ou falla, vê ou ouve, e em toda a parte educaria para o mal e para a vulgaridade os pensamentos a principio, depois as vontades, os corações, tudo e todos por fim...

Os escriptos e os escriptores, as artes e os artistas, é que fazem a corrupção ou a grandeza das épocas. O cortezão Petronio, os poetas sophistas e sensuaes, a litteratura material e aduladora da Roma dos Impera-

dores preparam, conservam e acostumam o povo a soffrer o despotismo, a crapula e a baixeza de seus senhores, a ser como elles baixo, crapuloso e violento. Eschylo, pelo contrario, o poeta nobre e audaz, independente até á rudeza, é o contemporaneo de Salamina e Marathon, da época de maior grandeza, de maior elevação do espirito grego. O Canto de Roland, esse poema da altivez e do denodo, apparece no grande tempo espontaneo, liberrimo, da formação do mundo feudal, n'esse grande esforço da Europa para constituir uma sociedade fundada toda na independencia quasi feroz do individuo. O chato e manhoso Poema de Renard, baixo e traiçoeiro, a Farça de Patellin, vilã e indigna, são obras contemporaneas do estabelecimento da tyrannia real, da destruição das communas, do espirito de pequena prudencia e cobardia que precedeu a Reforma e a Renascença. Os poetas cortezãos e convencionaes de Luiz XIV fazem esquecer á França a sua independencia, doiram os grilhões que lhe lança aquelle senhor despotico e orgulhoso. Pelo contrario, a litteratura turbulenta do seculo XVIII, heretica em Voltaire, plebeia em Rousseau, democratica em Diderot, eleva o espirito francez até áquella ebulição sufficiente para conceber a grande obra dos tempos novos, a Revolução.

Sempre o espirito do lado da liberdade. Sempre a independencia, como solo uberrimo, deixando rebentar do seio as obras boas e fecundas. Sempre a dignidade, a *irreverencia* pelos mestres e senhores, pelas auctoridades officiaes, garantindo a verdade e elevação dos pensamentos e das palavras. « O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o oiro por entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da nau por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de ju-

Digitized by Google

gos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, intemerato e incorruptivel. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas injustas e inconstantes, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro. » (Carta ao ex.mo sr. A. F. de Castilho.) Escrevamos afoutamente esta sentença do philosopho antigo — um grande escriptor é antes de tudo um grande homem: o bom poeta presupõe o homem de bem. — Ora concebe-se, já não digo o grande homem, que nem todos pódem ser, mas o homem de bem, que todo tem obrigação de ser, pedindo o auxilio de uma auctoridade qualquer para pensar, consultando o thermometro da conveniencia e approvação dos mestres para fallar, recebendo o santo e a senha como um soldado disciplinado, feito automato e escravo na cousa espontanea e individual por excellencia, o pensamento? Um homem de bem não faz isto: e toda a litteratura que o faz é uma deshonesta litteratura.

É porque a essencia, a cousa vital das litteraturas não é a harmonia da forma, a perfeição exacta com que se realisam certos typos convencionaes, o bem dito, o bem feito, um arranjo e uma curiosa faculdade feita para divertimento de ociosos e pasmo de quem não concebe nada acima d'essas raras mas futeis habilidades de prestidigitador. Para isso basta um certo geito, uma arte delicada mas puramente exterior ás grandes faculdades do espirito, um estudo especial e por unica virtude a paciencia. Se assim fosse, seguramente que se dispensavam todas as outras virtudes; a habilidade bastava; e podia-se ser um grande escriptor e, todavia,

gle

um homem pouco digno e nada altivo. Os poemas seriam n'esse caso como pulseiras ou brincos admiraveis realmente, e que não requerem mais merecimentos em seus auctores do que o desenvolvimento particular de certas faculdades e dispensam perfeitamente todo o cortejo dos grandes e excellentes dons, a hombridade e o severo espirito que só fazem o verdadeiro *homem*.

Provada, porém, e admittida a differença entre um bom ourives e um bom poeta, entre uns lavrados e delicadissimos enfeites e um sentido e pensado poema, provada fica a necessidade que tem o ministerio sagrado das lettras de mais alguma virtude além dos dotes mecanicos e exteriores — isto é, a necessidade d'um simples mas levantado espirito, d'uma livre inspiração, d'uma franqueza e independencia extrema... d'alma, para tudo dizer.

III

A alma! sim: é d'ella que precisa toda a litteratura que, em vez dos applausos que passam e dos interesses que rebaixam, tivesse por unica e nobilissima ambição levantar, melhorar os espiritos abatidos, ir adiante mostrando os caminhos encobertos do bem, responder ás necessidades moraes do tempo, dar um alimento sadio e forte á ancia, á fome e sede de saber e de sentir, ser emfim nacional e popular no grande e bello sentido da palavra.

Uma litteratura assim comprehenderia estas coisas: que toda a soltura e independencia é pouca; que, se a tyrannia da moda e da opinião é insupportavel, não o é menos a dos mestres e das reputações oppressivas e orgulhosas; que, tendo-se em vista dizer alguma cousa nova, descubrir, não copiar e repetir, bom é que haja liberdade de procurar, que não se perturbe nunca o

Digitized by Google

pesquizador de bem e de verdade, ainda aquelle que a pretende encontrar nos desvios mais arredados e estranhos; que se creia no *possivel* e se respeite ainda o erro quando fôr filho d'um desejo tão sincero e d'um tão honroso empenho.

Ora isto é que não fazem as litteraturas officiaes. Não concebem salvação fóra do gremio estreito de suas egrejas, para não dizer capellas e oratorios. Não entendem outras palavras senão as poucas do seu diccionario incompleto e mutilado. Acham que o mundo está todo explorado, todas as ideias, todos os sentimentos, todas as fórmas, e que tudo isso o tem elles nas suas gavetas e nas suas pastas. Classificam de louco e de ignorante quem, ahi d'um canto, se levanta e pretende ter achado alguma cousa nova — ainda que não seja senão um seixo descolorido ou uma herva rasteira. Querem que se olhe para o mundo atravez das vidraças dos seus gabinetes e se veja reflectido todo o ceu no fundo dos seus tinteiros...

Isto assim póde ser que seja util, facil, vantajoso; póde ser que assim se conquiste a opinião das maiorias boçaes, que dão a fama, ou o favor das minorias intelligentes, que dão alguma cousa melhor do que a fama, que dão a importancia, o interesse e o poder... Póde ser que seja habil isto e até profundo — só não é nem digno nem verdadeiro.

Mas são assim as litteraturas officiaes, governamentaes, subsidiadas, pensionadas, rendosas, para quem o pensamento é um infimo meio e não um fim grande e exclusivo; para quem as ideias são uns instrumentos de fortuna mundana, uma occasião mais de sacrificar ás pequenas ou más paixões, em vez de serem uma fortaleza aonde se guardem do contacto das impurezas e das miserias; para quem esta santa tribuna da palavra não passa d'um marco d'aonde lancem o pregão de vergonhosos leilões; para quem a gloria é uma especu-

Google

lação feliz, não uma sagrada palma que é preciso colher com mãos puras; para quem, emfim, nobreza, desinteresse, ideal, sinceridade, sacrificio, são apenas boas e sonoras palavras, feitas para levantar o periodo e encher a phrase, elegantes, brilhantes, excellentes para tudo... menos para se tomarem a serio. São assim as litteraturas officiaes; e, o que é mais, não podem ser d'outro modo. A fatalidade de seus principios impoelhes necessariamente estas tristes consequencias. Como não buscam a verdade pela verdade, a belleza pela belleza, mas só a verdade pelo premio e a belleza pelo applauso, teem de as renegar tantas vezes quantas a belleza não agradar aos olhos embaciados da turba que applaude, e a verdade offender os senhores que premeiam e recompensam. Ora, quantas vezes n'um seculo premeiam os senhores a verdade sincera e inteira? quantas vezes applaudem as turbas sensuaes e ininteligentes a formosura ideal, limpida e simples?

Mas quanto mais fogem das ideias tanto mais respeitam e adoram os cousas. Quanto mais ignoram os principios, os inflexiveis principios que não se vêem nem rendem nem louvam, impassiveis e pobrissimos, tanto menos se atrevem contra os homens, os homens que vêem perfeitamente as genuflexões e as agradecem e galardoam, que ouvem distinctamente as lisonjas e se dobram e torcem, os homens maleaveis, os homens exploraveis, ricos em applauso e mesmo em dinheiro... Como não teem no coração uma voz eterna, uma inspiração que os leve no seu caminho, sob pena de não andarem, teem de seguir alguem, os passos d'algum ser privilegiado que lhes faça as vezes de consciencia, de sciencia e de critica. Como não teem um credo, teem de ter um papa cuja pessoa sagrada sirva de doutrina, de crença, de fé. Como não teem bandeira em volta de que se ajuntem todos eguaes e livres, precisam então d'um chefe, um general muito condecorado, muito dou-

Digitized by Google

rado, muito fardado, envolto todo em fitas, commendas, galões, um fetiche, um idolo que só por si faça as vezes de pendão, de palavra sagrada, d'ideia, de tudo...

É assim que nascem as realezas litterarias. Nascem d'um vicio, como todas as realezas. Nascem para o mal dos homens, para o abaixamento das almas, como todas as auctoridades, todos os poderes desnecessarios. Mas estas são peiores e d'um mais pernicioso effeito. As outras opprimem os corpos, as cousas da materia, as fazendas, os interesses: mas estas tyrannisam o pensamento, as ideias, o espirito. Estas é que são as verdadeiras, as detestaveis tyrannias. As outras podem deixar-nos ahi a um canto, sem tecto, sem lar, sem dinheiro, nus e ao frio. Mas isso satisfal-as: e esse miseravel nu póde livremente pensar, scismar, ter a opinião que lhe convier e um mundo interior tão bello como aquelle de que o privam os oppressores: póde, diz muito bem Michelet, chamar-se o escravo Epicteto. Mas estas oppressões do espirito, ainda que nos dessem, como falsa compensação, casas, riquezas, servos, luxo e brilho, deixavam-nos tão escravos e miseraveis como d'antes, sem liberdade interior, sem capacidade para pensar, julgar por nós mesmos, moralmente paliticos. Quem, ainda no meio das maiores grandezas, não póde senão amar, admirar cousas pequenas e mesquinhas, que é senão mesquinho e pequeno? Quem, ainda no paiz mais livre, obedecer sem reflexão ao aceno d'alguem, o que é senão escravo? Os tyrannos da materia deixam-nos pobres e desabrigados: estes do espirito fazem-nos baixos e estupidos — qual é preferivel? E não me digam que uso de grandes palavras n'uma pequena questão; que invoco os maiores santos n'uma occasião de tão pouco perigo. Não é assim. Tanto se soffre d'uma pedrada atirando-se-nos com um seixo como com uma pedra preciosa. Que importa que a vio-

oogle

lencia que se faz á alma seja d'um ou d'outro modo, n'uma grande ou n'uma pequena cousa? Todas as liberdades são solidarias: e o que as faz boas e estimaveis não é o darem-se n'um caso e não n'outro, mas no facto mesmo da liberdade. Tambem são solidarias todas as oppressões; e o que as faz pessimas e detestaveis não é virem d'uma ou outra mão, pezarem n'um lado ou no outro, mas sómente o facto da tyrannia. Não ha pequenas oppressões, pequenas injustiças, pequenas miserias. Ha só miserias, injustiças e oppressões. Todas são más e despreziveis.

E, depois, a litteratura será cousa tão pequena, tão indifferente e secundaria? será tão minimo interesse, que aquelles mesmos que não soffrem a menor vexação, a menor violencia, n'esse ponto tolerem ou nem sequer sintam o mal e as durezas do jugo? Será cousa sem consequencias o pensamento escripto, o theatro, o livro, o romance, a poesia, que não valha ao menos a pena indagar por que mãos andem, quem é que pretende explicar os sentimentos e as ideias, quem fórma o gosto bom ou mau, quem critica e organisa a opinião, quem faz tudo isto e com que direito?

Lembremo-nos que a litteratura, porque se dirige ao coração, á intelligencia, á imaginação e até aos sentidos, toma o homem por todos os lados; toca por isso em todos os interesses, todas as ideias, todos os sentimentos; influe no individuo como na sociedade, na familia como na praça publica; dispõe os espiritos; determina certas correntes de opinião; combate ou abre caminho a certas tendencias; e não é muito dizer que é ella quem prepara o berço aonde se hade receber esse mysterioso filho do tempo — o futuro.

É elle, com effeito, quem as litteraturas convencionaes e falsas compromettem. A pequenez e estreiteza d'espirito que as caracterisa, o acanhamento de seus juizos, a incerteza e indecisão de seus principios, a ba-

Digitized by Google

nalidade, o commum de suas criações, e sobre tudo o seu servilismo e miseria moral caem, como um veneno, no sangue das gerações nascentes, corrompem-no logo a principio, e o futuro, de bello e forte que Deus o tinha preparado, sae rachitico, incerto, fraco, triste, baixo e apto para soffrer todas as miserias e todas as servidões.

Por ventura não foi a *litteratura picaresca*, sceptica e sem brios, que entorpecendo com o espesso vapor de nauseabundas banalidades a alma audaz dos hespanhoes, lhes fez soffrer resignados a oppressão austriaca, o reinado infame de Carlos v, Philippe II e a Inquisição, e comprometteu por seculos a causa da civilisação na Hespanha?

IV

Ah! antes mil vezes o excesso, a extravagancia mesmo, a desregrada audacia, a petulancia aventureira de concepções e fórmas, o abuso da liberdade, emfim, do que esta estreita e pequena prudencia; do que esta submissão inintelligente, este temor de cego que não anda com medo de cair e, como não vê, por isso se dispensa de fallar em luz; do que o acanhamento intellectual que é uma prova ou um motivo de entorpecimento moral e este culto do vulgar, do rasteiro, das *ideias* ao alcance dos que não sabem pensar e dos *sentimentos* accessiveis aos que não teem alma; do que, finalmente, esta morna, adocicada e nauseabunda atmosphera artificial que nos querem fazer respirar como se fosse o ar livre, extenso e forte da vida do espirito. — Isto não faz doudos, seguramente, por que a doudice é ainda uma energia, e isto é mortal e inerte. Não faz extravagantes, por que a extravagancia suppõe ao menos um desejo de subir e elevar-se, e isto é taca-

nho e ordinario como um annuncio mercantil. Não faz as Lelias e as Pulcherias ultraromanticas e ardentes, mas cria as Emmas piegas, sem alma e sem sentidos, tão pouco virtuosas como as outras e sem ao menos terem como ellas uma desculpa nos delirios d'um espirito excessivo mas nobre, ou nas excitações d'um sangue de bachante, mas vivo em todo o caso. As litteraturas officiaes, realistas e banaes não fazem d'estas extravagancias, que ao menos teem a elevação e toda a poesia da febre e do delirio. Mas produzem a imbecilidade, a baixeza, a vulgaridade — sem por isso serem mais virtuosas...

Isto é um pouco peior, cuido eu. Ha nas extravagancias da exaltação alguma cousa nobre e aspiradora de melhor, que, ainda quando sorrimos, nos faz pensar que é um coração desregrado sim mas vivo que inspira essas doudices. Mas nem ao menos ter por desculpa uma generosa loucura; errar, mas errar a sangue frio; ser falso reflectida e prudentemente — isto é que é ter plena consciencia da sua miseria, é comprazer-se n'ella e habitar alegre no seu nada como se fosse o mais rico palacio!

É certo que se não é extranho, confuso, visionario; mas não é porque pela verdade se chegasse á simplicidade, pela elevação se alcançasse aquelle ponto sublime que parece á primeira vista facil e corrente Não é por isso; mas simplesmente porque se abstrae do pensamento, occasião de confusões, da phantasia, origem d'extranhas visões, do sentimento, causador d'impetos apaixonados; exactamente como aquelles que jamais escorregaram ou caíram nos precipicios da montanha, não por que são fortes e resolutos, mas só por que nunca sairam de ao pé do lar domestico, entre as mulheres, quentes e satisfeitos...

Mas esta é a dura fatalidade das litteraturas que sacrificam ao idolo vulgar do favor publico e não ás

Digitized by Google

aras severas da consciencia, do pensamento isolado mas energico. Como é a fama que procuram, passam ao lado da verdade e não a vêem nem a conhecem sequer. Servem um senhor caprichoso e grosseiro: têm de lhe offerecer umas vezes manjares acres e ardentes que estimulem a sua rude sensualidade, outras, pelo contrario, as mais refinadas e requintadas iguarias com que lisongeiem o seu extravagante sibaritismo de barbaro. Jamais a nutrição simples mas sadia, forte sem ser grosseira, pura sem ser requintada. Essa não a quer elle, excessivo, cheio dos mais contradictorios caprichos, como creança perdida de mimos ou sultão a quem nunca uma contrariedade educou para a paciencia e a verdade.

Esta, a verdade, quer só dar-se a quem a procura por amor, exclusivamente por sua formosura, não pelo applauso ou pelo preço que possa render. Ora isto é o que não podem fazer as litteraturas officiaes. Seria renegar o seu mesmo principio, o culto da opinião, e o seu fim, os bravos de momento, o triumpho ruidoso mas ephemero das praças publicas. Fallam ás maiorias, têem de ser communs. Dirigem-se ao vulgo, teem de ser vulgares. Especulam com as paixões publicas, têem de as aceitar e lisongear. Dependem dos idolos do dia, têem de os incensar. Recolhem juro dos prejuizos e illusões nacionaes, têem de conservar esse capital rendoso. Têem por infallivel pontifice o juizo popular, não podem renegar de suas doutrinas, seus dogmas, seus cultos. Hão-de ir sempre ao nivel do espirito publico, do pensar das maiorias: nunca acima. Serão entendidos, applaudidos, estimados. Nunca, porém, elevarão, nunca hão de ensinar, nunca hão-de mostrar mais do que póde ver qualquer dos que estão no meio da turba...

As nações, porém, é que têem direito a exigir dos que fallam no meio d'ellas alguma palavra melhor ou

gle

maior do que as usadas e costumadas palavras de todos e de todos os dias. Porque razão, com effeito, levantar-se no meio dos homens, chamal-os em volta de si, para não dizer mais nem melhor do que elles sabem, pensam e dizem? As nações têem um instincto secreto ainda que confuso de seus destinos e do que para o cumprimento d'elles convem. Se um momento applaudem quem as lisongeia, em breve desprezam e esquecem. Para amar precisam odiar primeiro. Aquelles cujos nomes teem de gravar no coração, não são os aduladores, são os amigos sinceros e independentes, que lhes dizem as verdades em toda a sua dolorosa mas salutar crueza. São os Proudhons, os Larras, os Herculanos: não os Castilhos, os Martinez de la Rosa, os Sainte Beuve. Estes, porque são das academias, dos conselhos reaes, dos senados, dos *altos* cargos, é por isso mesmo que não são nem do povo nem da nação. Elle, o povo, quer que o eduquem, que o melhorem, que o reprehendam. Quer obras severas, graves, serias, fortes; não brincos de creanças, distracções de ociosos, entretenimentos de futeis — porque elle trabalha e não o consolam nem alliviam essas pulidas mas occas ninharias. Sabe que é ignorante e quer que o alumiem, que o castiguem ás vezes: o seu bom senso desconfia dos que o adulam e chamam sabio e inspirado. Uma litteratura cortezã, convencional, respeitadora de todas as conveniencias, menos da verdade, só póde ser applaudida pela multidão dos ociosos, dos banaes, cujo mau gosto illudem as apparencias de estylo, melodias de forma e exterioridades.

O povo, a verdadeira nação, isto é, os homens que sentem e os homens que pensam, esses não têem sympathia nem admiração pelos formosos sophismas d'uma arte brilhantemente esteril, que só serve para entorpecer o espirito adormecendo-o ao som de um canto doce mas fraco, sensual e sem altura. Esses não pre-

Digitized by Google

zam a rethorica, mas só o pensamento. Não amam a poetica; basta-lhes a poesia. Não querem ser divertidos, mas sómente ensinados e melhorados.

V

Ah! mas n'esta terra, em tempo fecunda e santa e agora fria e esteril, a esta gente outr'ora nobre e altiva e hoje baixa e invilecida, a esta gente e n'esta terra é que era fazer ouvir as grandes palavras d'esperança, de coragem e de fé! Levantar esses animos incertos e caidos, animar esses corações descrentes, aquecer com um fogo vivo d'amor, de sentido e ardente amor, esse sangue meio regelado, esses peitos que esfriam de desalento, alumiar esses olhos que o desgosto embacia e essas almas ainda mais baças pelos crepusculos d'um espantoso abaixamento de luz moral! Aqui é que era fazer triumphar o espirito, pondo-o tão alto que fosse um como sol a aquecer, a alumiar uma terra e uma gente que, ao sentir faltar-lhe o mundo, soubesse tirar d'aquelle só astro o calor e a luz para a vida, e no isolamento da decadencia, fizesse nova patria, mais rica e formosa, da virtude e da nobreza!

Nunca litteratura alguma teve obrigação de ser elevada, grave, séria, desambiciosa, como a litteratura d'este povo decadente, cujas ultimas miserias ahi estão para inspirar a compaixão ou o desespero, a dedicação ou a blasphemia, o amor ou o insulto, tudo, menos os pequenos sentimentos do interesse pessoal e da vaidade. Oh! quem se póde lembrar d'especular com os ultimos alentos d'um moribundo? quem póde folgar com a ruina de um grande e formoso edificio que desaba, só porque n'esta queda aproveite algumas pedras para fazer um muro á sua horta? quem se consola de

ver retalhado o manto nobre de um grande rei só por que uma nesga lhe póde servir para os seus usos domesticos?

É isto, todavia, o que tem feito e o que faz ainda a nossa litteratura official. Ri, graceja, scisma, murmura, phantasia, procura rimas bonitas, desenterra palavras obseletas e construcções exoticas de phrase, diverte-se e cuida divertir-nos, no meio de um grande luto nacional, n'uma hora das mais solemnes d'este povo... Quando, no meio da triste dissolução do passado, a alma portugueza incerta e vaga procura um caminho novo, hesita e está em perigo de se assentar cheia de dôr n'algum marco isolado e deixar-se ahi finar de desgosto, é n'esta hora que a nossa litteratura que se diz nacional não acha, para a confortar, esclarecer, animar, conduzir, uma só palavra viva, um só sentimento profundo, uma alta ideia, ao menos uma lagrima bem triste, nada... só phrases, rimas, estylos, palavras — *words, words, words...*

Havia um grande exemplo de meditação a dar ao povo — e vemos a futilidade enthronisada. Havia um grande exemplo de patriotismo — e vemos o desamor e a indifferença premiados. Havia um grande exemplo de desinteresse e independencia — e não vemos senão cortezias, genuflexões, reverencias, baixezas... Ah! com a mão na consciencia, será isto bastante para constituir a litteratura, isto é, o pensamento, a alma d'uma nação? Eu pergunto-o aos homens de bem, que ainda não coram d'este nome honradissimo de patriotas, que ainda não acharam ser cousa de bom gosto o scepticismo, a indifferença e o desprezo da patria e dos cidadãos. A esses pergunto: representam realmente o espirito d'este povo a futilidade, o desamor e a baixeza? Será assim o coração d'esta gente toda, que os que se dizem interpretes de seus sentimentos não achem lá senão o vacuo e innanidade moral?

Digitized by Goo

A consciencia da nação, da parte honrada, seria e realmente viva d'ella, responde-me que não. Não me respondem, seguramente, os especuladores da capital, os scepticos da moda, que esses não sabem senão rir com um riso baixo e inintelligente, que compunge mais ainda que as lagrimas. Mas eu não fallo com elles. Esses entendem que o povo está bom e é forte ainda e prospero por isso que ainda póde pagar. Para esses a missão das letras está cumprida com meia duzia de folhetins e alguns romances insipidos quando não immoralissimos.

Mas a nação, a nação verdadeira, não sois vós, senhores do funccionalismo, parasitas, ociosos, improductivos. A nação portugueza são tres milhões d'homens que trabalham, suam, produzem, activos e honrados, que vivem não segundo a moral dos especuladores, mas segundo a lei do dever e da consciencia. Esse, o verdadeiro povo, tanto approva os vossos feitos e os vossos dizeres, que não conhece os vossos governos senão para os maldizer, e aos vossos grandes homens, aos homens de convenção, nem sequer lhes sabe os nomes obscuros a tres leguas de distancia das vossas academias e das vossas redacções...

Oh! meus pobres amigos da provincia! pobres homens que sois os que trabalhaes e fecundaes o solo, cujo melhor fructo devoram esses senhores inuteis; que sois honestos e bons; que tendes no coração os restos do sentir portuguez que ha ainda n'esta terra! Homens sinceros das villas, das aldeias, dos campos, das lavouras, dos trabalhos; dizei-me quantas vezes tendes feito parar o arado no meio de um rego para recordar as glorias officiaes, que as gazetas recommendam, e exultar com ellas, e consolados por esta lembrança continuar mais energicos e alegres?

Lembro-me de vós e dos vossos rudes labores, das lidas fadigosas que vos consomem as honradas e mo-

ogle

destas vidas! Por vós e pela vossa causa soffro contente os risos insultuosos, os desdens e as injustiças, porque vós tendes direito a alguma cousa melhor do que requebros de phrase, algumas lições mais altas do que os exemplos de connivencia com as torpezas e as abjecções do tempo, a alguma doutrina mais consoladora do que a resignação e a condescendencia com as loucuras da época, a alguma moral mais santa do que o amor sensual e exclusivo da forma, do som, das palavras ocas e esterilmente harmoniosas!

Vós, porque pagaes, nutris, sustentaes toda essa gente, tendes direito a que em troca vos dêem bellos e bons pensamentos, santas inspirações, crenças, confortos, luz e fé.

As litteraturas officiaes serão tudo e de todos — do governo, da academia, do agrado dos botequins e das gazetas, serão ricas, estimadas, lisongeadas — só não serão jamais nacionaes e do coração do povo!

Eu, como filho do povo, como cidadão, em nome d'estes direitos menosprezados, protesto contra essa falsa litteratura, contra os seus chefes, contra as suas obras, contra os seus discipulos, contra as suas tendencias, contra as suas oppressões...

Protesto em nome da minha consciencia d'homem...

Protesto em nome do espirito nacional, que não tem que vêr com esses idolos convencionaes d'uma infima egreja, d'uma communhão de meia duzia de fieis infidelissimos...

Protesto, finalmente, em nome das mesmas regalias do espirito humano, que não consente que lhe imponham admirações e respeitos, como se o respeito e a admiração não fossem por excellencia as cousas espontaneas e livres da alma.

Coimbra. Dezembro de 1865.

ANTHERO DO QUENTAL.

Digitized by Google

APPENDICE

Digitized by Google

NOTA

Provas tiradas das principaes obras do sr. A. F. de Castilho

Para que se veja claramente a verdade de quanto acabo de affirmar nas paginas antecedentes; a impotencia das litteraturas officiaes, fundadas no respeito das conveniencias, dos costumes, das opiniões e ainda das illusões communs, para se levantarem acima do nivel d'essa corrente em que se deixam boiar indolentes e sem energia propria; a incuravel vulgaridade de todas as obras que não tiverem outro fim mais do que divertir a entreter os ocios do vulgo; a pequenez intellectual e moral de escriptores que mirando só ao effeito, teem de sacrificar a verdade simples e forte a requintes exquisitos e falsas delicadezas, que illudem por uma passageira originalidade; a fraqueza de pensamentos e formas d'uma litteratura sem audacia, convencional, rethorica, academica, rotineira; o nada, emfim, que são todas essas criações que, sem fé no espirito e nas idéas, só se fiam em apparencias e exterioridades; para vermos tudo isto basta olharmos com uma attenção imparcial e fria para as obras de um dos grandes pontifices da nossa litteratura official, o sr. Castilho, e do pouco do mestre deduziremos o nada dos discipulos.

Quaes são os fundamentos da fama, evidentemente excessiva, do sr. Castilho? A que cousa nova e dura-

doura ligou o seu nome? Com que idéia, com que descoberta enriqueceu o thesouro do espirito nacional? Que traço dourado tem de marcar para o futuro o seu caminho atravez da historia litteraria dos ultimos trinta annos?

A estas perguntas não é facil responder.

Almeida Garrett cria o theatro e a poesia moderna em Portugal; inspira-se da alma da nação, resuscita-a, interpreta-a e, já pela boca dos grandes homens antigos magicamente evocados do tumulo, já fazendo-a rebentar com força n'um lyrismo profundo e vivo, revela-a de novo a um mundo que a tinha quasi esquecido, faz dispertar, nos corações que agita, sentimentos que são d'esta terra e d'este sangue, falla ao crer intimo do povo, e cada uma de suas palavras é uma pagina animada da historia do renascimento do espirito nacional. Esta missão explica o homem e a gloria d'elle. Sabe-se o que fez e vê-se que o trabalho correspondeu a alguma cousa eterna e que o hade eternisar comsigo — a vida moral do povo. É um grande nome creado por uma grande obra: uma estatua com um pedestal solido: concebe-se e vê-se claramente por que se sustenta erguida e tão alta.

Alexandre Herculano, esse é a antiga, a severa, a admiravel honra e gravidade do caracter portuguez, inspirando todas as concepções d'uma intelligencia recta e forte, tendo por fim ultimo o triumpho da verdade moral, tão heroico nos combates do pensamento como os maiores heroes dos nossos fastos nas pelejas da liberdade e da honra patria. A historia para elle não é uma curiosidade de antiquario: é uma lição dada ao presente por um philosopho cujo caracter está á altura das mais fortes e nobres epocas do passado. O seu trabalho não é um deleite de artista: é uma luta de morte contra a hypocrisia, a villeza, as más paixões d'um tempo contradictorio e sceptico como o nosso. Tem uma

Digitized by Google

grande missão, que sabe cumprir como poucos. Isto explica uma gloria pura e honrada como nenhuma

O sr. Castilho, esse o que é? e que representa?

É triste para a admiração do paiz não haver uma resposta cabal a esta pergunta. Mas a sua fama explica-se dizendo que é uma tradição antiga, um uso velho e convencional: e esses ordinariamente aceitam-se e não se discutem. As maiorias pouco instruidas e muito occupadas acham mais commodo admirar sob palavra do que examinar, estudando e analysando, cousas estas que fazem pensar e roubam muito tempo. As minorias intelligentes e ociosas, essas dizem entre si o que pensam do sr. Castilho, mas dizem-n'o baixo e pará poucos. Por menos lisongeiro que seja este juizo, como não transpira do recinto estreito de certas reuniões de amigos, a illusão conserva-se e continua a haver em Portugal uma grande fama fundada em muito fracos motivos.

Eu por mim assento que n'esta nossa terra de noventa leguas estamos todos em familia, e por isso o que tantos pensam ou dizem em voz baixa é melhor e mais franco repetil-o alto e claramente para que todos nos entendamos.

O merecimento do sr. Castilho é um merecimento exclusivamente externo e formal. O seu caracter essencial não é uma idéia, um sentimento, um principio, um modo seu de conceber a sociedade, o individuo ou a natureza, alguma cousa intima que distinga entre todas as suas creações, lhes dê uma feição original e indistructivel e seja como que a rasão de ser, o elemento gerador d'ellas. Nada d'isto. A sua faculdade dominante e talvez exclusiva é apenas o dom exterior da forma, o genio da proporção e da harmonia, o segredo das apparencias formosas — o estylo. É isto o que o torna essencialmente proprio para o papel artificial que representa. Tem todos os longes d'uma grande cousa;

Google

tem a elegancia, a arte, a distincção; illude e faz vista. Menos um pouco, era um escriptor mediano: um pouco mais. um grande escriptor. Nem um nem outro serve para chefe de litteraturas officiaes. No primeiro caso estaria demasiadamente abaixo do publico; no segundo demasiadamente acima dos que precisam d'elle como d'um pendão, d'um heroe convencional. Uma idéia fixa, uma aspiração dominante, um espirito unico, são muito exclusivos, muito absorventes, muito rigidos para se dobrarem ás exigencias de um papel cujo caracter varia d'hora em hora com a fluctuação do gosto e do capricho publico. Mas se com a negação d'estas cousas incommodas se puder combinar uma maravilhosa faculdade imitativa, formal, capaz de fingir tantos espiritos quantos a voga fôr pedindo, mas sem nunca se fixar n'um só e exclusivo; se fôr possivel ter a forma de todas as idéias sem se deixar dominar por nenhuma d'ellas, imitar os sentimentos sem sentir de modo algum; n'esse caso poder-se-hão seguir as variações do gosto commum, acompanhar o capricho ondulante e incerto da opinião, e agradar sempre a todos, ainda aos mais contradictorios, aos mais inconciliaveis.

Este é o grande, o espantoso talento do sr. Castilho. É admiravel n'esta negação da individualidade propria. É assombroso n'esta faculdade de ser quanto quer ou querem que seja, á semelhança d'esses bastidores de theatro aonde se penduram todas as vistas, sala e rua, floresta e palacio, carcere e egreja... Não representa, entre os escriptores nacionaes, uma opinião, uma tendencia, um espirito: não tem uma missão propria: não se sabe bem o que quer e o que vem fazer. Mas nenhum nos espantará com mais extraordinarias metamorphoses, transformações admiraveis até ao absurdo, uma maleabilidade, um deixar-se dobrar nas mãos das conveniencias de momento, que faria honra ao mais fino politico. Por este lado o sr. Castilho é um diplomata

Digitized by

das lettras. È verdade que não diz nada, nada ensina, não concorre para o movimento geral. A civilisação, os progressos do pensamento, as conquistas da liberdade moral nada lhe devem. Mas é um artista primoroso, um admiravel estylista, a quem só falta uma idéia generosa e inspiradora para ser um grande escriptor.

Consultemos os annos, e vejamos quantos papeis tem representado este grande e habilissimo comediante. Em 1816 elmanista em poesia, em politica indifferente: poeta monarchico e official em 1818; pastoril e novamente indifferente de 1822 a 1825, e alguns annos depois socialista radical e prophetico; classico e academico em 1826 e em 1836 ultra-romantico e shakspeariano; algum tempo depois vemol-o virar-se de novo para os vultos venerandos dos poetas e dos mestres antigos. Cuidaes vel-o occupado na composição de rimas populares? elle traduz os cantos da musa romana. Esperaes achal-o no meio dos documentos historicos dos nossos primeiros seculos? elle redige artigos e proclamações politicas. Julgaes encontral-o em admiração diante das glorias da litteratura patria? elle declara que qualquer metrificador contemporaneo se deveria envergonhar de pôr o nome debaixo das oitavas de Camões. Ouvistel-o hontem, emfim, declamar contra a prepotencia dos tyrannos, radical e republicano? escutae-o hoje, fazendo a apologia d'um governo anti-popular e oppressivo. Classico, romantico, monarchico, republicano, novo, antigo, philosopho, religioso, quem é? que quer? não se sabe. É um bello escriptor... tem um estylo admiravel... Póde-se dizer retrogado com Chateaubriand, e demagogo com Fourier, innovador com Victor Hugo e conservador como Ponsard... que é sempre verdade e é sempre falso. Não liga o seu nome a uma idéia unica como cada um d'estes: mas especula com todas. Uma cousa só não varia: o bom estylo, por que é esse o instrumento de todas estas variações...

oogle

Isto será habil, phantasioso, facil e delicado: mas não indica seguramente uma alta moralidade intellectual, isto é, o grave espirito e sério pensamento da vida que só faz os grandes poetas e os homens superiores.

É por isso que o celebrado chefe da litteratura official é feliz, glorioso, illustre e applaudido escriptor — mas é por isso mesmo que não tem missão, não representa um principio, não diz uma certa cousa ao espirito do povo e não é um grande escriptor.

Levem ao cadinho da analyse cada uma de suas obras: verão se no fundo fica mais do que essa cinza doirada, essa poeira brilhante de um bello estylo, muitas formosas phrases e nada mais. Um ensino, um ideal, uma crença, uma verdadeira sciencia da alma e da vida, isso é que não se póde lá encontrar.

Nas *Cartas d'Echo e Narciso*, estreia do poeta, apparece este espirito artificial e mesmo artificioso já formado e inteiro, e não é difficil prever o que virá depois. É a mesma harmonia de phrase, encubrindo a mesma carencia completa de pensamento. A escolha do assumpto já por si dá a medida do genio do poeta. Não é um d'estes dramas simples e profundissimos, cheios de immensas lições de verdade e sciencia do coração, como os creou a alma brilhante, mas intuitiva da Grecia. É uma fabula da decadencia da mithologia, uma cousa subtil e falsa, uma difficuldade a vencer, um motivo para se admirarem os raros dotes do escriptor, mas sem um sentimento vivo, sem uma idéia eterna, que não commove nem indigna, refinada e artificiosa e que por fim chega a nausear como acontece com todas as doçuras insipidas. São tudo suspiros, ternos disticos gravados em troncos de alamos, passeios em barco, festões e grinaldas, branduras ou friezas... só não se vê a alma, só nenhum d'aquelles sentimentos existe d'aquelle modo no coração. N'esse poema dos gemidos amorosos ha de tudo; menos uma cousa só: o amor. Tirada a invenção,

Digitized by Google

o fundamento moral, a intelligencia dos segredos da vida, que fica? O estylo — eis tudo.

Mas é no poema da *Primavera* que mais se palpa esta carencia completa de funda inspiração, saida das entranhas mesmas da natureza, que é a verdadeira essencia da poesia. A pedra de toque do poder e força de interpretação das realidades (que outra cousa não é o genio poetico) essa pedra de toque é a poesia da natureza. É n'ella que Volfgang Goethe revela as suas mais assombrosas faculdades intuitivas, o seu dom de explicar a vida do mundo ou de o animar prestando-lhe uma vida roubada ao excesso da sua propria. É como interprete e altissimo sacerdote da natureza que Virgilio nos apparece, á distancia de seculos, erguido e immenso só por esse condão, no meio da ruina de tudo quanto cantou, do mundo que o inspirava. Victor Hugo só nos dá a verdadeira medida do seu genio quando nos faz como que sentir debaixo das mãos o palpitar do coração da terra, a vida universal, a seiva e a alma do grande Todo. — Compare-se tudo isto com a *Primavera*. É como se nos corressem de repente entre os olhos e a vasta extensão dos campos, das florestas, das montanhas, uma cortina de fumo alvacento: nem é ainda isso. É como se saltassemos, arrebatados por algum demonio ironico, das matas virgens da America, cheias de vozes, cores estranhas, lumes, phantasmagorias, mysterios e terrores, para o meio de alguma horta bem amanhada e bem util dos arredores de Lisboa, com suas moitas de bucho pelo meio, para nos dar idéia das energias poderosas do mundo vegetal. Parece que assistimos a um honesto chá de familia, aonde algum conselheiro velho conta ás innocentes meninas as impressões de uma peregrinação bucolica a Villa-Franca ou ainda á Alhandra. São os cordeirinhos enfeitados de mad. Deshoulieres e de Florian. Parece que não ha montes já na terra, nem precipicios, cascatas, rumores terriveis da

noite na montanha, ou horisontes largos aonde o peito e a alma bebam a longos tragos o ar da vida e o ar da liberdade. São tudo collinas, vergeis, festões de rosas, passarinhos ensinados, grutas alcatifadas de relva macia, brandos ribeirinhos e até dos proprios cedros, como de caniços, se podem cortar frautas e avenas pastoris... Tudo isto n'um encantador estylo, rescendendo a rosmaninhos, distillando mel, doce, doce, como para embalar o somno de creanças. É que é realmente uma adoravel creancice aquelle poema! Deve-se conceber assim a natureza aos seis annos, quando a ama nos passeia no quintal que rodeia a casa da familia; e devem-se dizer as cousas com aquella meiguice infantil. Mas entre essas lindas pieguices e a expressão animadas do grande movimento natural, de suas energias, de suas forças poderosas, de seus dramas, das actividades creadoras da primavera, no mundo dos seres vivos, nas aguas, nas grandes folhas da floresta, em aves, feras, pinhaes, devezas, por toda a parte... entre isto e as bem descriptas pastoraes do sr. Castilho ha toda a differença que vae de Gesner e Florian, seus mestres, a Goethe, Hugo, Senancourt, verdadeiros poetas das bellezas e das grandezas naturaes.

Que fica? Sem forte pensamento, sem verdadeira comprehensão das forças vivas do mundo, dos sentimentos correspondentes do coração, da alma mesma do naturalismo, fica do celebre poema didactico uma soffrivel aguarella no gosto das de Watteau e Boucher, os paizagistas officiaes de Sua Magestade Luiz XV, os Rembrandts efeminados dos Trianons de M.me Dubarry. Um brando, gentil e mimosinho estylo, o que resta sempre e exclusivamente das obras do sr. Castilho, quando bem estudadas — palavras!

« Mas, dir-se-ha, talvez essa fraqueza não seja mais do que um indicio de excessiva força. Talvez que o genio ardente e arrebatado do poeta se achasse mal e

Digitized by Google

apertado na estreiteza d'um assumpto didactico, frio e compassado. Eis ahi estão obras cheias de movimento e ardor, a *Noite do Castello* por exemplo... »

Ah! A *Noite do Castello!* Mas é um verdadeiro castello de cartas aquelle castello, e aquella noite uma verdadeira noite de theatro! O castello, á borda d'um lago, romanesco, elegiaco e tragico ao mesmo tempo, parece sonhado pelo visconde de Arlincourt, de funebre mas divertidissima memoria. Ha um cavalleiro, um sympathico tyranno, como em Anna de Radcliff, e não esquece a donzella *tão formosa como perfida*... O cavalleiro, ao chegar da Palestina, (ainda se chega da Palestina nos poemas do sr. Castilho!) vê-se traido pela ingrata, que já mal o conhece. Era d'esperar : e, como tambem é de suppor ha imprecações e choros e terrores e muitas phrases atrozes e ferozes, com quanto sempre em estylo doce, brando e encantador. Tudo isto é d'um effeito admiravel: mas seguramente não é gothico, nem moderno, nem antigo, nem meia-edade, nem romantico, nem historico. Não se sabe o que é. È o phantasiado mundo romanesco e cavalheiroso dos escriptores do primeiro imperio francez, convencional e falso, cheio de phrases immensas e pequenos sentimentos, sem estudo do coração, sem conhecimento dos grandes effeitos das paixões, sem intuição do espirito das epocas historicas, sem unidade, com ditos á Shakspeare e pensamentos dignos do sr. conselheiro Bastos!... Tudo isto, em França, depois da *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo, depois dos trabalhos de Michelet sobre a edade media, depois do Getz Berlichigen de Goethe e dos Salteadores de Shiller, em Allemanha, depois sobre tudo do grande vôo ideal da poesia levantado pela eschola romantica, tudo isso tinha caido miseravelmente em 1830, enterrado como se enterram ninharias e pieguices — ás gargalhadas. E é isto o que o sr. Castilho, em 1836, *inventava* em Portu-

gal! O ciume, que é o dado moral da *Noite do Castello*, quando a gente o vê no Othello de Shakspeare, parece-nos uma paixão immensa, senão pura e santa. No poema do sr. Castilho aprende-se que não é assim. Essa grande cousa, n'aquelles versos comicamente terriveis, tem a particularidade de fazer rir. Depois, a acção exgota-se em se chegando á terça parte do poema. O resto (dois terços) são imprecações e phrases e ditos, que só variam nas palavras e nunca na vulgaridade do sentimento, superficial e insignificante. Tal é a *Noite do Castello*, tentativa infeliz para naturalizar entre nós um genero em toda a parte impopular e impossivel de sustentar-se, porque era falso e sem fundamento nem na historia nem na natureza moral do homem.

Evidentemente n'esta obra o sr. Castilho está ainda abaixo de si mesmo. O estylo, esse grande mentiroso, sempre prompto a encubrir os erros e os vicios dos livros do nosso poeta, nem esse mesmo se salva d'esta vez. Se exceptuarmos algumas raras descripções finas e bem acabadas e um ou outro movimento lyrico mais feliz, o resto é artificial e embrulhado, difficil, arrastado, frouxo e contrastando extravagantemente pela sua brandura com as feras paixões que lhe querem fazer exprimir...

Mas eis-nos chegados em frente do livro intimo, do livro sentimental, do livro ideal, do livro consolador e sympathico — ***Amor e Melancolia!***

Custa-me, realmente, não poder escrever d'este livro tudo quanto pensaram d'elle nossas mães, então ainda meninas ingenuas e romanescas. Pelos sentimentos innocentes de que foi confidente elle é sagrado como um travesseiro de leito virginal. Pelas lagrimas de pura saudade que lhe cairam em cima elle é inviolavel como um seio materno. Pelas tristezas que consolou, os dissabores que mitigou, elle deve ser recebido como um amigo de familia... E eu, por debaixo do titulo d'este

Digitized by Google

livro tão querido ha trinta annos dos bellos olhos que tem hoje cincoenta, eu hei-de ir, com a minha mão cruel de revolucionario, e escrever esta palavra infamante — *banalidade!?*

Mas, que heide eu fazer, entre a piedade e o bom gosto? Acima de tudo o dever. Sim; heide dizel-o: é uma banalidade esse admiravel livro! esse livro sublime é uma cousa vulgar! Nossas mães foram no seu tempo umas santas e adoraveis raparigas; mas não sabiam litteratura .. mas não sabiam esthetica... para bem d'ellas então, e mal dos filhos, hoje!

Abro este livro ao acaso. Encontro: versos ao triste cipreste; quadras ao cemiterio: quadras á cruz do ermo; mais quadras á melancolia; versos á terna saudade: falla-se-me do arroio, do chorão, do goivo e do malmequer.... basta! fecho o livro assustado. Por entre aquellas folhas melancolicas pareceu-me ver surgir a face pallida, longa e piedosamente romanesca do visconde de Arlincourt!

O goivo! o malmequer! a terna saudade! mas nós vemos d'estes arrojos lyricos todos os dias nos jornaes litterarios da provincia, entre um logogripho e uma charada, e não admiramos! e temos a crueza de nem sequer verter uma lagryma de estreme melancolia! Ó dureza dos tempos modernos! Decididamente o livro sentimental do sr. Castilho não é para esta geração estragada por Byron, Victor Hugo e Goethe... Não somos dignos d'elle... Que fique, pois, com as suas antigas leitoras que o comprehendem e amam! Fique e repouse no cestinho de costura das meninas de 1830, que ainda não casaram e precisam de consolações!

Do estylo é escusado fallar. Sempre o mesmo, bello, limpido, doce, mavioso estylo. O periodo cheio e correcto, sem retumbancia nem affectação. A phrase corrente e agradavel como as palavras da boca d'uma creança alegre. N'este livro, então, é realmente admi-

ravel : e tanto mais nos faz lembrar quão bem teria exprimido altas idéias, verdadeiros sentimentos, rasgos de naturalidade, conceitos profundos... se o auctor tivesse posto d'isto no seu lindo livrinho!

Por este tempo tinha Lamartine publicado em França as *Meditações* e as *Harmonias*. Em Alemanha appareciam os versos de Novalis. Em Portugal concebia Alexandre Herculano aquella nobre e profundissima *Harpa do Crente*, aonde ha um verdadeiro e grave *amor* da patria e toda a *melancolia* d'um coração que se despede das illusões do passado — mas que esta gente boçal não comprehende... porque tem versos duros!!...

O nome do nosso illustre historiador recorda-me as tentativas historicas do sr. Castilho. É n'esse livro, os *Quadros Historicos*, que apparecem n'um relevo immenso todos os brilhantes dotes artisticos do auctor, a phrase perfeita, a imagem original, o genuino dizer portuguez, a harmonia, o colorido luminoso do estylo, a phantasia delicada ou o imaginoso arrebatamento, as figuras, as descripções, as narrações, toda a rethorica e poetica do rhetorico poeta. Infelizmente tudo isto serve para pôr em evidencia os vicios inseparaveis do excesso ou antes do exclusivismo d'estes excellentes dons. Uma concepção geral ou comprehensão da unidade do drama historico; um pensamento capital que, dominando cada época e cada acontecimento, dê a todos na sua variedade um commum espirito, os explique e faça comprehender uns pelos outros, mostrando a necessidade de cada um na harmonia do todo; uma critica que, em vez de buscar as origens dos factos em meras coincidencias de datas, e fazer depender do acaso os maiores successos, estude e explique a logica necessaria das instituições e dos elementos sociaes, modificada ás vezes pelas paixões dos homens e arrastando-os a elles outras vezes; uma intuição da alma de cada época, do seu modo particular de sentir e obrar;

Digitized by Google

uma historia critica, emfim, dominadora dos factos pelo espirito e não escrava d'elles, uma historia philosophica, isto é que o sr. Castilho se não lembrou de fazer, contente com arredondar os seus periodos, limar as suas phrases, acabar as suas descripções, pôr, emfim, as grandes cousas heroicas antigas, adoçadas, pintadas, burnidas, ao alcance do gosto nada grande dos seus pouco heroicos leitores contemporaneos. O sr. Castilho não teve em vista, como tiveram Thierry, Michelet, Quinet, que n'esse tempo creavam uma sciencia historica digna do seculo de Hegel, Creuzer e Herder, darnos a alma, a consciencia, a razão intima das épocas e dos homens, resuscital-os por uma intuição tão largamente sentida como profundamente meditada e d'algum modo fazer-nos assistir á concepção das grandes cousas da historia no seio das nações. Tanto não precisava o bemfallante academico para agradar no circulo precioso dos refinados puristas da capital e merecer os applausos do publico admirador de fogos d'artificio. Buscou apenas um assumpto para declamar elegantemente; um palco aonde se podesse pavonear nas galas arcadicas da sua rethorica: um pretexo para fazer brilhantes figuras e effeitos d'estylo; tomando ás grandes épocas e aos grandes homens quanto baste para uma phrase original ou um conceito feliz, e ao espirito antigo da nação o sufficiente para fazer sobresaír os recursos da lingua moderna. A alma, essa, dispensa-se em boa rethorica. Isto, porém, não é historia.

Todas aquellas bellas cousas se podem dizer egualmente tanto da historia contemporanea como da primitiva, tanto da portugueza como da italiana ou da tártara. Os acontecimentos só é que variam. O resto serve para todos, porque não se inspira do caracter particular d'uma raça e d'uma civilisação, d'um certo ponto de vista da critica nacional, mas só da eloquencia, de suas figuras e effeitos, que não são patrimonio

da historia de nenhum povo. Por isso o bello livro do sr. Castilho não é uma historia, mas só um exercicio eloquente de declamação.

As lendas populares dos tempos semibarbaros mas ingenuamente poeticos apparecem alli vestidas á moderna, como se tivessem estudado na eschola dos Lucenas e dos Freires, usando de phrases dignas certamente do grande seculo classico, mas nada primitivas, nada populares, nada gothicas e por isso nada verdadeiras e nada historicas. As ingenuas tradições, as crenças rudes e simples ficam, depois do *rifacimento* do sr. Castilho, como essas armaduras da edade-media, grevas, cotas, escudos que se fabricam hoje em Paris e se vendem aos curiosos ignorantes, pulidas, elegantes, novas em folha, como qualquer outro producto da industria contemporanea. A alma d'essas remotas edades some-se, perde-se, no meio d'aquella culta phraseologia, como um ribeiro saido da rocha viva ao atravessar um areal — seja embora um areal d'areias d'ouro... Isso, todavia, essa *barbara* expressão, que o nosso arcade julgou indigna da sua eloquencia, é isso mesmo o principio essencial da historia, pelo menos da historia como a conceberam Vico, Herder, Wolff, e modernamente Jacob Grimm, Michelet, Thierry — ainda que isto repugne ao cultismo dos declamadores elegantes, nem a façam assim Rolin, Saint-Real, o conde da Ericeira e o sr. Castilho...

Mas, para quem sabe o que representa de trabalhos, de meditações, de profundos pensamentos e altas vistas philosophicas esta concepção moderna e realissima da sciencia historica e como este methodo se liga ao desinvolvimento do espirito humano no seculo XIX, para esses os *Quadros Historicos* do sr. Castilho podem ter o valor de bellos mas banaes exemplares de eloquencia, modelos de phrase, mas nunca o alcance de uma séria e viva obra de historia.

Digitized by Google

Sempre o estylo! Essa exclusiva preocupação, a que o seu falso ponto de vista e ainda o seu mesmo temperamento de artista o obrigam, é que faz a apparente belleza de momento, mas a real e profunda falsidade de todas as creações de uma arte superficial, que esconde um grande vazio d'ideias, de sciencia das cousas e dos homens, sob as phantasmagorias phosphorecentes d'um enredo de palavras, luzentes mas frias e estereis. É por isso que o sr. Castilho é, sobre tudo, excellente nas traducções. Como o original teve por elle o trabalho de pensar, sentir e crear, o traductor póde dar todos os seus cuidados e exclusiva attenção á phrase, á composição, ao metro — e n'isto, e talvez n'isto só, é eminente o sr. Castilho. Dão-lhe um corpo vivo e animado, sómente nu; e elle veste-o com umas galas e um luxo dignos de um rei. Mas o que é certo é que um alfaiate, mesmo alfaiate de reis, é sempre um alfaiate. Um optimo traductor não é um grande poeta. Os homens como Virgilio, Dante, Corneille, Camões, Garrett, não se immortalisam compondo descuidadamente e enfeitando o que outros sentiram, pensaram com muito trabalho e muitas dores ás vezes. Esses pensaram e sentiram por si. Viram, entenderam, esperimentaram, deduziram, observaram-se a si, aos homens e ao mundo; e só por isso lhes chamamos creadores, originaes e inspirados. O mais solido esteio em que se apoia a fama do sr. Castilho é seguramente este trabalho das suas traducções. São bons versos, realmente, e boas palavras harmoniosas: sómente o que dizem de bom e profundo não pertence ao compositor mas só ao poeta original. Este creou; o outro compoz. Um, como a mãe que traz no seio e amamenta e rebustece e educa uma creança, deu a vida e a alma. O outro é apenas um mestre, que aproveita certas tendencias, desenvolve certas inclinações, ensina uma ou outra só prenda, mas não dá ao ser vivo um só elemento, uma

Digitized by Google

faculdade mais. O sr. Castilho será pois um grande poeta —mas com a collaboração dos grandes poetas que traduz. Em qualquer paiz esta especie de merecimento dá direito a uma menção honrosa nos diccionarios bibliographicos. Na nossa terra é quanto basta para se ser um genio.

E, depois, traduz-se realmente um poeta? Já Victor Hugo escreveu « para traduzir Homero é preciso *pelo menos*, um outro Homero. » Ora não nascem dois Homeros, nem dois Virgilios, nem dois Petrarcas, nem dois Miltons; e por uma razão muito simples: porque qualquer d'elles foi produzido por um concurso de circumstancias que se não repetem mais, de raça, de ideias, de religião, de governo, de tempo, de tudo; e elles representam tudo isso, teem o intimo sentimento d'essas cousas, em todas as suas mais ligeiras cambiantes, que só elles viram uma vez e ninguem mais verá, seja o talento que for, porque tudo isso passou e não póde repetir-se. Seguramente que Dante vale tanto como Virgilio. Mas Dante, se em 1300 tivesse querido refazer a Eneida, teria feito uma cousa absurda e insupportavel. Quem ha ahi que possa comprehender, á distancia de mil annos, uma edade remota, ainda mais do que pelo tempo, por um abysmo de idéias religiosas, politicas, sociaes? percebel-a no mais intimo do seu pensamento e, o que é mais impossivel, n'aquillo que ella mesma ignorava, a parte fatal e instinctiva, o sentimento vago mas absorvente e que é o que constitue sobre tudo a poesia? Qual ha ahi homem de genio que entenda tudo isto e se identifique a ponto de dar, traduzindo, a cada affecto, a cada idéia, o peso, a fórma, o maior ou menor relevo, maior ou menor luz com que o viu ou o sentiu o poeta d'aquella sociedade extincta? que elle mesmo lhe tinha dado em virtude da relação necessaria em que o seu pensamento estava com tudo quanto o rodeava, determinando essas proporções impossiveis de medir?

Digitized by

O sr. Castilho declara-se-nos capaz de fazer tudo isto. O publico acredita-o; porque o publico não é seguramente critico, erudito, philosopho, quanto se requer, para entender bem estas cousas elementares.

Todavia é bem certo que uma traducção d'Ovidio, no seculo XIX e pelo sr. Castilho, é cousa tão extraordinaria e falsa como, sendo possivel, teria sido a traducção da *Noite do Castello*, feita por Ovidio, em Roma e no tempo de Augusto.

Mas a gymnastica deslumbrante de palavras, as prestidigitações surprehendentes de phrase, as habilidades de acrobata do estylo entretem os olhos com passos e posições difficeis e complicadas: e, presa a attenção, enleada, esquecida, o resto passa facilmente...

É isso o que faz que passem todas as outras obras secundarias de que não me occupo, e as contradicções de principios e as loucuras e a falta completa d'ensino verdadeiro da natureza, do coração, da vida. É assim que passam tambem as extravagancias, os absurdos ridiculos ou odiosos, como por exemplo, a critica inclassificavel aonde se contesta o merecimento dos *Lusiadas*, d'um poema politico e social, *por isso que não póde servir nas escholas de primeiras lettras!* «Criticar uma epopeia nacional, dizia a este respeito o meu amigo João de Deus, porque não serve para cartilha do Mestre Ignacio, é o mesmo que criticar a cartilha do Mestre Ignacio porque não serve para epopeia nacional.»

Que concluir de tudo isto? Uma cousa triste, em verdade, para a admiração publica, extraviada e illudida, mas no fundo consoladora para a dignidade do pensamento humano. Concluimos que a lisonja do gosto commum, arvorada em supremo principio de critica, póde chegar a produzir homens habeis, desenvolver faculdades brilhantes, mas não chega jámais a inspirar uma poesia e um poeta verdadeiros. Só a belleza da natureza humana, revelada pela voz livre do coração e en-

Digitized by Google

sinada pela severa meditação da philosophia e da historia, não varia jámais. A opinião dos homens essa é incerta e vária. Quem deixar aquelle firme solo eterno por estas areias movediças construe sem alicerces, como o sr. Castilho, embora sejam brilhantes de adornos e arrebiques postiços esses palacios inconsistentes. Tem de ir e vir a capricho da onda que eternamente fluctua. Não terá, logo, um principio unico, o mesmo, firme, indissoluvel. Não dirá, logo, uma e a mesma cousa á intelligencia e ao coração da sociedade. Não representará, logo, um movimento vivo, necessario e verdadeiro do espirito nacional. Não será um grande poeta, porque a necessidade de lisonjear a mudavel opinião não lhe dará logar para seguir uma immutavel idéia, ter uma missão e como que instalar-se n'uma parte da alma e do pensamento humano. Fica-lhe o estylo, apenas, a forma, a arma d'esses enganos, a divindade d'esse culto de illusões. Esse é que serve para os *successos*. Mas os *successos* são para a gloria como são para o amor sereno, puro e constante esses estremecimentos da paixão ardente e sensual, tão rapidos como fogosos.

Se quem só procura a verdade raras vezes chega á fama, quem procura só a fama é que jámais alcança a verdade. Essa ha de ser buscada por si e por seu exclusivo amor. Quem quer escrever bem só porque seja uma celebridade da sua terra, e não é uma celebridade só porque escreve bem, esse tal póde tomar de assalto a opinião: mas a natureza e o verdadeiro gosto é que não póde nem conquistar nem illudir: por isso, tarde ou cedo, tem de cair e esquecer.

Eu não quero outra melhor prova de quanto tenho estabelecido do que uma obra mesma do nosso poeta. Essa sim, é uma obra sentida e profundamente verdadeira, feita com alma, paixão, sangue e vida, que se sente palpitar e nos toma o coração e o domina com

Digitized by

este absolutismo que só tem a verdadeira belleza. É um dos mais formosos dramas do theatro portuguez e a unica admiravel e inatacavel obra do sr. Castilho — o drama *Camões*. Nunca se dirá bastante d'esse livro surprehendente que excede muito o *Camões* de Garrett no estudo da época, na interpretação do verdadeiro caracter do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nação e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas d'um maravilhoso palacio de poesia.

Pois bem: esta obra é exactamente aquella que o auctor concebeu, dispoz e executou na época em que as ingratidões de muitos lhe tinham feito crear pelo vulgo, pelo publico, pelo mundo todo, uma repulsão dolorosa, um desprezo das pequenas cousas d'esta infima sociedade official, aquelle soberbo desdem, emfim, independente e altivo que só liberta o poeta do jugo das conveniencias e dos juizos convencionaes e lhe dá logar a realisar a verdadeira belleza, simples, boa e incomprehensivel ao vulgo. Na solidão, na tristeza, no desgosto, na indifferença das apreciações dos que se dizem entendidos e do applauso grosseiro das maiorias, no isolamento moral d'um coração ferido e no apartamento physico d'um exilio no meio do oceano [1] é que foi concebida aquella obra. O mundo convencional está tão longe, tão longe e esquecido, que a sua sombra nem de leve escurece uma pagina, uma palavra só d'aquelle poema. No dia em que as exigencias de um brilhante mas profundamente triste papel de chefe de litteratura official o deixam livre, o poeta encontra um coração, uma lucida intelligencia, uma palavra de vida e amor, falla e diz como os que melhor teem dito e fallado n'esta terra. Como despreza o publico sufficientemente para o não temer já, para não condescender com suas vulgares exigencias, por isso entra com passo seguro

[1] Na ilha de S. Miguel.

ogle

por caminhos novos e, fóra já de sendas trilhadas, penetra na floresta rumorosa das ideias livres, dos livres sentimentos, vae e vem, senhor das extensões que descobriu e de que é rei, rei d'esses grandes *desertos* cheios de vida, como nunca entre os muros dos *povoados* aonde a morte moral estende o silencio terrivel das almas e das phantasias...

Isto é quanto basta para nos mostrar quanto o sr. Castilho poderia ter feito, se um destino bom lhe tivesse afastado do coração aquellas ambições tristes, aquellas sedes de falsa gloria que, se lhe teem dado, levantando-o ao posto official de chefe litterario, passageiras satisfações de vaidade, lhe entorpeceram ao mesmo tempo faculdades admiraveis, privando a sua obra d'uma cousa eterna e que nenhum respeito convencional dos seus admiradores póde substituir nem encobrir — a grande originalidade e a elevação moral.

Sem estas duas cousas, porém, não se póde dirigir, dominar, encaminhar a corrente dos espiritos e o movimento das ideias litterarias, E é por isso que a velhice dos grandes homens officiaes, immobilisados na sua propria gloria e incapazes de comprehender as transformações successivas e lentas do espirito nacional, é sempre semelhante á triste velhice de Luiz XIV, grande homem tambem, martyrisado pelo espectaculo da ruina da propria grandeza. Assistem, como elle, á morte de tudo quanto tinham levantado e porque só se reputavam gloriosos. Perdem, enterrando-se cada vez mais no passado que os attráe, a consciencia do seu tempo e das legitimas necessidades d'elle. Parecem espectros d'outra edade; e na face d'elles vê-se ás vezes passar como que uma sombra das civilisações mortas e esquecidas. Não teem já uma missão: não dizem uma unica cousa que vá ao coração ou á intelligencia das gerações transformadas e melhoradas. Não dirigem, não levantam, não caminham. Conservam-se... sustentam-se apenas...

Digitized by Google

É por isso que tudo quanto é novo, esperançoso, e para tudo dizer revolucionario, se afasta cada dia d'elles a ponto de nem os conhecer mais que de nome. Respeitam-n'os ainda por conveniencia ou habito: mas não os amam já. Do desamor não vae mais que um passo ao esquecimento. Mas, como tudo aquillo é o futuro, é pois o futuro quem os desestima e esquece...

É assim que a nova geração renega do culto convencional do sr. Castilho. Uns, os mais francos, protestam: outros, mais timidos, adherem apenas com a vontade: os indifferentes esquecem. Lance o sr. Castilho os olhos em volta de si: quem vê rodear-lhe o seu tabernaculo, o seu altar d'idolo poetico? Velhos, velhos de corpo e espirito — e os poucos moços, esses, velhissimos como quem nunca mereceu este bello nome de *joven*. Veja que mãos piedosas recebem o deposito das suas doutrinas, das suas inspirações e da sua gloria... Restos estereis do passado: e do presente, apenas a parte impotente, moralmente senil, que atraiçôa a edade e se apega ao passado, sem se lembrar que o respeito aos cabellos brancos não implica a escravidão ás illusões, aos enganos e ás fraquezas dos velhos. Eis a que debeis mãos confia o sr. Castilho o cuidado da sua memoria. Mas essas mãos são tão fracas como piedosas: sabem enterrar como filhos: não defender como combatentes...

Entretanto o tempo caminha. Se o que ha de ser ámanhã o futuro não está em volta do altar do sr. Castilho é porque está n'outra parte, visto que o futuro d'algures tem de sair. Está n'outra parte: e quando surgir á luz não trará na fronte o signal consagrado da sua benção patriarchal, não saberá de suas doutrinas, não se lembrará de seus ensinos, fallará em nome d'outras ideias, outros principios, outros mestres... e o sr. Castilho será esquecido para sempre.

Digo isto porque o creio firmemente; porque é isto

gle

o que pede a logica do espirito humano; porque os symptomas raros, mas já bem claros, que se manifestam o indicam para quem sabe ler n'este livro sybilino da opinião.

Isto que aqui affirmo e que a muitos parecerá atrevido e irreverente paradoxo, a esses mesmos, dentro em alguns annos, se lhes representará cousa evidente e simples, extranhando só a brandura e timidez das minhas conclusões.

Eu por mim fallo d'estas cousas sem paixão nem azedume, com a serenidade interior da convicção. Sei que é um *desacato* o que faço aqui. Mas nem por isso me penitenceio diante do publico, nem lhe peço perdão. Elle é que me ha de agradecer ao depois esta dedicação com que lhe aturo agora as rudezas, pelo menos incommodas e nada divertidas, só para bem d'elle e seu ensino. Despreoccupado inteiramente com o que se chama vaidade, fama e nomeada, que lucro eu com um escandalo cujo ruido pelo menos me perturba os ocios de uma contemplação intellectual, indolente e descançada?

Mas estas cousas estavam por dizer: tinham de ser ditas. Pareceu-me que dizel-as eu primeiro me punha bem com a minha consciencia, porque são a verdade. E é por isso tambem que não lastimo a ruina que prevejo. É a ruina de um homem apenas. Por detraz d'essa queda vejo as ideias que se levantam mais bellas e caminham mais desassombradas. Vejo que n'esta pequena questão litteraria está envolvida uma cousa d'algum valor — a maior liberdade do pensamento e os progressos do espirito.

É quanto basta para me consolar; para me alegrar até.

Digitized by Google

Digitized by Google

THEOPHILO BRAGA

AS THEOCRACIAS LITTERARIAS

PREÇO 100 RÉIS

ANTHERO DO QUENTAL

BOM SENSO E BOM GOSTO

PREÇO 100 RÉIS

A DIGNIDADE DAS LETRAS

E AS LITTERATURAS OFFICIAES

PREÇO 160 RÉIS

J. BONANÇA

CONTRA A CARTA DO SR. DUQUE DE SALDANHA

Preço 100 réis

Vende-se nas principaes lojas de livros de Lisboa, Coimbra, e Porto

Digitized by Google